

Warning: getimagesize(images/stories/priore/omelie/Giotto_res.jpg): failed to open stream: No such file or directory in /home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php on line 1563

Warning: getimagesize(images/stories/priore/omelie/Giotto_res.jpg): failed to open stream: No such file or directory in /home/monast59/public_html/plugins/content/multithumb/multithumb.php on line 1563

Páscoa do Senhor - 2011

Multithumb found errors on this page:

There was a problem loading image 'images/stories/priore/omelie/Giotto_res.jpg'

There was a problem loading image 'images/stories/priore/omelie/Giotto_res.jpg'

GIOTTO, Ressurreição

Bose, 24 Abril 2011

Homilia de ENZO BIANCHI

Apenas disto, nós terrestres, temos necessidade: de acreditar que o amor que vivemos, o amor partilhado com aqueles que amámos e que amamos (...) é um amor que permanece, que contém qualquer coisa da Eternidade, um amor que nos permite dizer no presente e no futuro: "*Eu amo, mesmo quando o outro que eu amo, já não está.*"

Bose, 24 Abril 2011

Mateus, 28,1-10

escuta: homilia de ENZO BIANCHI, Prior de Bose

Caríssimos,

Com esta Vigília, chegámos à plenitude do Tridúo Pascal, ao terceiro dia, ao "*tudo está consumado*" (cf. Jo 19,30); um «*tudo está consumado*» cantado pelo Cristo vivo e glorioso, ressuscitado para sempre, um *tudo está consumado*» cantado pela Igreja, por aqueles que seguiram Jesus e que o aclamam *Kýrios*, Senhor.

A longa Vigília, em que escutámos as Santas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento, permite-nos contemplar a história da salvação, a acção de Deus, do *in-princípio* até ao cumprimento das suas promessas em Cristo. Esta Vigília tem, sobretudo, um objectivo: fazer-nos compreender a Páscoa, a ressurreição e fazer-nos participantes deste mistério, o mistério da vitória de Deus sobre a morte, do "*Deus*" que "*é amor*" (1Jo 4,8.16) sobre a morte. Porque apenas disto, nós terrestres, temos necessidade: de acreditar que o amor que vivemos, o amor partilhado com aqueles que amámos e que amamos, o amor de que fomos capazes - combatendo o nosso egoísmo, a nossa *philautía*, a nossa vontade de sobreviver sem os outros, talvez até contra os outros, mas realmente de viver sobre, de sobre-viver - enfim, esse amor, é um amor que permanece, que contém qualquer coisa de Eternidade, um amor que nos permite dizer no presente e no futuro: "*Eu amo, mesmo quando o outro que eu amo, já não está.*" Por causa desta esperança, porque nós, homens, temos necessidade de compreender, de perceber, sobretudo, a nossa morte, queremos escutar o que o Evangelho, a Boa Nova nos diz desta vitória do amor sobre a morte.

Nos dias precedentes detivemo-nos na perícope da Última Ceia, quando Jesús deu o sinal do seu amor - a eucaristia -, e detivemo-nos ainda na Paixão vivida por Jesús, enfatizando o facto de ter respondido, primeiro com a Eucaristia, que mais não é do que a prefiguração da Paixão e depois com a vida, com um único *Ámen*: um ámen dossológico a Deus Pai, mas também um ámen àqueles que tinham sido seus irmãos, que se tinham envolvido na sua vida, irmãos que se tinham junto e mostrado adversários e persecutores. E concluímos a meditação de Sexta feira Santa com a sepultura de Jesús, com a espera da resposta do Pai. Jesús respondeu - podemos resumir -, respondeu a todos, "*amando até ao fim*" (cf. Jo 13,1) e sem nunca contradizer o amor. Mas, quando colocou tudo nas mãos do Pai, quando expirou (cf. Lc 23,46; Sal 31,6), Jesús espera uma resposta. Para os Homens, para Pedro, para Judas, para os outros dez, para os Sumo-sacerdotes, para o poder político romano, com a morte de Jesús, fechou-se, de facto, um ciclo: um túmulo, com

uma pedra sobre a entrada, diz, até de forma visual, que tudo estava terminado. Segundo Mateus existem mesmo guardas que vigiam a sepultura, para que se mantenha fechada, para que ninguém a abra, para que ninguém venha roubar o cadáver e depois invente a fábula, a lenda de que ressuscitou (cf. Mt 27,62-66).

Mas, ao amanhecer do primeiro dia, depois do sábado, Maria de Magdala e a outra Maria, foram visitar o sepulcro. E eis que, enquanto olham para o sepulcro, são surpresas por uma revelação. Um anjo do Senhor, o anjo-intérprete da Palavra de Deus, o anjo-intérprete dos acontecimentos que Deus realiza na história, pois bem, este anjo, diz às mulheres: " *Não tenhais medo. Sei que buscais Jesús, o crucificado; não está aqui, pois ressuscitou, como havia dito. Vinde, vede o lugar onde jazia e ide depressa dizer aos seus discípulos: Ele ressuscitou dos mortos e vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis.*" Estas palavras do anjo-intérprete que já ouvimos tantas vezes, porque são o anúncio pascal por excelência, são também o essencial da boa notícia para os homens. Jesús, o crucificado, aquele que morreu na cruz, ressuscitou e o túmulo está, de facto, vazio. São palavras que parecem insensatas, contra a razão, sobretudo conta a evidência da morte enquanto realidade de que nenhum homem, jamais, voltou. E, contudo, estas palavras de interpretação querem dizer uma verdade que é muito maior do que um milagre, muito mais profunda que o extraordinário conteúdo do anúncio: *«Eghérte», Ressuscitou, despertou!»*. Este é o grito da Igreja, o grito litúrgico mas, como disse Pedro, na sua primeira homília depois do Pentecostes, este grito continua a significar: *«Deus ressuscitou-O, libertando-O dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o domínio da morte»* (cf. At 2,24;32). Deus, o Pai de Jesús, aquele que Jesús invocava na fé e chamava: *«Abba, Pai»* (Mc 14,36), respondeu-Lhe do lado de lá da sua morte.

Jesus morreu, morreu realmente, como morre um homem, como morre uma vida animal. Mas Deus levantou-O da morte e deu-Lhe a sua vida divina, a vida eterna. Não reanimou um cadáver, não deu vida a um morto - atenção! - mas deu-Lhe a sua própria vida, a vida divina, a vida eterna. A propósito, um dos textos mais antigos que possuímos, mais antigo que os Evangelhos, o prólogo da Carta de S. Paulo aos Romanos, diz: *«Cristo Jesús ... nascido da descendência de David segundo a carne, constituído Filho de Deus em poder, segundo o Espírito santificador pela ressurreição de entre os mortos,...»* (Rm 1,1.3-4). Eis a resposta do Pai a Jesús, que revelara plenamente a Paternidade de Deus nos seus encontros. É a resposta do Pai à morte filial de Jesús. Se há uma revelação de Deus Pai, para nós cristãos, não vem da invocação feita por Jesús: *«Pai-nosso»* (Mt 6,9), mas vem, sobretudo, da acção com que Deus fez resurgir Jesús e fê-Lo seu filho. Não apenas, mas significativamente, Paulo na sua prédica diante dos Judeus de Antioquia de Pisídia afirma: *«Deus cumpriu (a promessa) ... ressuscitando Jesús, como está escrito no salmo segundo»* (At 13,33) : *«Tu és meu filho, Eu hoje te gerei»* (Sal 2,7). Esta exegese do Apóstolo sobre o Salmo 2 é uma exegese canónica, portanto definitiva: a morte na cruz, de Jesús é, na realidade, um nascimento para a plenitude da vida; porque Jesús soube morrer como filho, o Pai tinha - podemos dizer - de se mostrar Pai e assim levantar o seu filho da morte.

À luz desta morte que gera Jesús como filho de Deus, compreendemos também algumas palavras dispersas na Carta aos Hebreus. Jesús que veio ao mundo (cf. Heb 10,5), que *«aprendeu a obediência por aquilo que sofreu»* (cf. Heb 5,8) durante toda a sua vida, até à sua paixão e morte, na morte filial pode, de facto, dizer em plenitude: *«Abba, Pai»*, sem nenhuma reserva, oferecendo totalmente a sua vida a Deus. Queremos pôr lado a lado as palavras de Jesús e as palavras do Pai, segundo a Escritura. Jesús disse: *«Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito»*, as suas últimas palavras antes de expirar. E o Pai acolhe Jesús na morte dizendo-Lhe: *«Tu és meu filho, Eu hoje te gerei»*. Eis onde está o "tudo está consumado" de Jesús, o *«Ámen»* de Jesús ao Pai, mas podemos agora também dizer, o *«Ámen»* do Pai a Jesús. Jesús foi fiel, foi um *«Ámen»* ao Pai; e o Pai é fiel, é o *«Ámen»* a Jesús.

Jesús definira a sua morte como um *baptismo*. Tinha falado aos discípulos num baptismo que devia receber (cf. Lc 12,50). E, de facto, assim se compreende como a morte de Jesús se transformou num grande baptistério: cada homem que morre é imerso neste baptistério e, na própria morte, encontra a morte de Jesús. A nossa morte é imersa na sua morte e, com Ele, nós conhecemos o que é levantarmo-nos, ou, melhor, o que é ser ressuscitado da morte através de uma acção de Deus que não só nos levanta como nos dá a vida, nos faz plena e radicalmente seus filhos.

Basta recordar as palavras com que Jesús sentiu que devia também questionar os discípulos, falando da sua morte como baptismo: *«Podéis beber o cálice que Eu vou beber e receber o baptismo que eu vou receber?»* (Mc 10,38). Também para cada um de nós a morte é um baptismo. Compreendemos, por isso, bem a expressão que ouvimos na Carta de Paulo aos Romanos: *«Pelo baptismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova.»*(cf. Rm 6,3-4) e a morte de Cristo é o verdadeiro baptistério em que todos os homens são, de alguma forma, imersos: crentes ou não crentes, cristãos ou não cristãos, a sua morte encontra sempre a morte de Jesús e a morte de Jesús não é mais estranha à nossa, de homens. Alguns Padres da Igreja ousaram mesmo dizer que, precisamente na morte, encontraremos a purificação dos nossos pecados, porque a morte é um baptismo mais radical do que o baptismo sacramental que recebemos e que deu início à nossa vida Cristã. *«Mas nas tuas mãos, Pai, entrego o meu Espírito»* deveremos dizer e cada um de nós deverá dizê-lo; e cada um de nós escutará a voz de Deus: *«Tu és meu filho, Eu hoje te gerei»*. Porque na morte seremos gerados para a vida eterna, participaremos da vida de Deus. A resposta do Pai a Jesús é também a resposta do Pai a cada um de nós, porque se não tivesse havido esta resposta também para nós – e é sempre Paulo quem no-lo diz –, então não teria sido dada uma resposta, sequer a Jesús. Atenção, na Primeira Carta aos Coríntios, o apóstolo di-lo claramente: *«Pois, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou»*(cf. 1Cor 15,16). Não afirma apenas: *«Mas se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã é também a vossa fé»* (cf. 1Cor 15,14.17), mas também: *«Pois, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou»*. Afirmação escandalosa, que Paulo

confirma dizendo: *«E se nós temos esperança em Cristo apenas para esta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens»* (cf. 1Cor 15,19).

A concluir este percurso que procurámos fazer, desde a última ceia até à ressurreição, podemos dizer que Jesús fez ao Pai uma grande Eucarístia, ergueu ao Pai um grande agradecimento. O Pai reconheceu este louvor, acolheu-o e com a sua acção ressuscitou-O, confirmando a sua Eucarístia. Mas esta confirmação de Jesús é sobretudo um selo: tendo Jesús vivido o amor até às últimas consequências, é digno de ser chamado *meu filho*», de ser Filho do Deus que é amor, do Deus que, sendo amor, vence a morte. Agrada-me pensar que no seio da vida trinitária em que Pai, Filho e Espírito Santo, num movimento circular, numa *perichoresis*, permutam a vida, o Pai acolhe a Eucarístia do filho, o agradecimento do filho, no Espírito Santo, mas agradece também ao filho por ter sido fiel e por tê-lo revelado a todos nós, Homens. De facto, a Ssma. Trindade é uma Eucarístia recíproca na qual, todos, somos convidados a participar.

ENZO BIANCHI